

YACUIBA, BOLÍVIA, 27 DE JUNHO DE 2001

*Senhor Presidente e querido amigo Hugo Banzer; Senhores Vice-Presidentes aqui presentes; Senhores Ministros, do Brasil e da Bolívia; Senhores Embaixadores; Senhor Presidente da Petrobras e altos funcionários aqui reunidos,*

Peço desculpa, Presidente, para falar em português. Dado que é, talvez, o nosso último encontro formal, eu gostaria de deixar registrado, na minha própria língua, a satisfação, que já registrei em sua língua, de ter estado aqui, nestes dois dias, sendo acolhido da forma como fui pelas autoridades e pelo povo da Bolívia.

O Presidente Banzer sabe que nós dois sempre sonhamos com essa união entre a Bolívia e o Brasil, baseada, como acabou de dizer Vossa Excelência, em sentimentos que são convergentes, integracionistas e sentimentos de boa vizinhança, mas baseada também na compreensão político-estratégica da importância dos laços entre os nossos países. E essa visão político-estratégica, que é antiga, só está se concretizando nos últimos tempos. Para que ela pudesse ter uma ossatura

forte, era necessário encontrar um elemento comum que nos unisse, um elo até físico.

E, hoje, aqui, atrás, em San Alberto, estamos vendo a materialização desse sonho. Muitos dos aqui presentes participamos de esforços para que fosse possível chegar-se ao ponto em que chegamos. Tenho orgulho de dizer que me empenhei decisivamente – perdoem-me, talvez, a expressão forte: decisivamente –, desde quando fui Chanceler do Brasil, em 92 e 93, para que os acordos antigos, de quase 50 anos, saíssem do papel e se transformassem em realidade. Santa Cruz, Cochabamba, quantas vezes, Presidente? Presidente Paz, Presidente Gonzales, quantos? Nós todos, Presidente Banzer, empenhados para que houvesse essa possibilidade. Hoje, isso já é uma realidade.

Ainda há pouco, há poucos dias, no Brasil, houve quem duvidasse da existência de gás suficiente da Bolívia. Aqui está a “prova provada”. E provada – e disso me orgulho também – graças à cooperação da Petrobras com outras empresas e com os bolivianos, para que fosse possível encontrar as reservas de San Alberto e San Antonio, que, hoje, estão aí, sendo demarcadas e que mostram já a possibilidade do atendimento daquilo que foi contratado entre o Brasil e a Bolívia, com tranquilidade, para os próximos 20 anos. E mais: a Bolívia detém, hoje, reservas reconhecidas que permitem dizer que, nos próximos 20 anos, ela pode oferecer ao Brasil energia na proporção, praticamente, de uma outra Itaipu, o que é muito.

E estamos nos antecipando. À medida que os programas termelétricos do Brasil avançam – e aqui está comigo o Ministro de Minas e Energia – à medida que eles avançam, nós precisamos ter também o suprimento. Não adiantaria nada ter as usinas se não houvesse o gás. E o gás estamos, agora, começando a tê-lo na proporção necessária para que ele possa vir a atender as demandas energéticas do Brasil. Não nos atrasamos. Ao contrário, nos adiantamos na busca desse gás.

Nunca ninguém havia pensado em mudar a matriz energética com a ênfase que dei a essa mudança. Não porque a matriz hidráulica não seja boa. Ela é excelente. Mas ela tem que ser complementada com a matriz gasífera, porque senão vamos ficar sempre sujeitos, como ainda agora,

às inclemências do tempo, que, muitas vezes, não propicia a quantidade de água necessária para que possamos ter com tranqüilidade o nosso sistema energético funcionando a contento.

O gás da Bolívia vai permitir a estabilização das nossas previsões quanto à expansão energética no Brasil. E a nossa expansão há de ser muito forte. Dentro de poucos dias, talvez na próxima semana, apresentarei ao País o conjunto de obras que estão em marcha, como esta aqui – não é que serão feitas, que estão em marcha, como esta aqui – para que possamos superar de maneira definitiva aquilo que a imprevidência de muitas décadas não permitiu que se fizesse adequadamente, ou seja, uma matriz energética mais equilibrada.

Mas me apraz também, Presidente Banzer, dizer que esta obra é uma obra da Petrobras. Nunca a Petrobras teve um desempenho tão vigoroso como está tendo neste últimos anos. Não se acovardou, não teve medo de entrar em competição e, competindo, melhorou sua produtividade, expandiu seus investimentos, melhorou sua capacidade tecnológica, melhorou sua lucratividade e continua prestando serviços inestimáveis ao Brasil.

Não faltou quem tivesse medo quando tomei a decisão de permitir que a Petrobras entrasse em competição, tivesse medo de que isso fosse significar uma diminuição da capacidade daquela empresa.

Eu sempre acreditei na Petrobras, Presidente Philippe Reichstul, que aqui está, senhores Governadores de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso, que aqui estão. Eu sempre acreditei na capacidade da Petrobrás, que, hoje, está comprovando a sua efetividade. E fiquei muito contente ao ver o representante da Petrobras aqui, na Bolívia, descrever a mim e ao Presidente Banzer e aos demais Ministros e pessoas, no ônibus que nos conduziu até aqui, o modo pelo qual a Petrobras está colaborando diretamente com o povo boliviano. Nas refinarias da Petrobras, em cada uma das duas, existe apenas um brasileiro. Todos os demais são bolivianos.

E a obra que a Petrobras está fazendo de consciência ecológica e de responsabilidade social é marcante também. Aqui, nesta área, oito escolas, duas grandes diretamente feitas pela Petrobras e as outras, refeitas

pela Petrobras. E por todos os lados se percebe o esforço de preservação do meio ambiente. Basta dizer que estamos em um local aprazível, ao lado de uma planta de gás – um local aprazível – e que, no caminho, vimos vários locais, áreas com preservação ecológica e preocupação com os riachos, com a água que por aí passa. E, lá em cima, no serro, naquele pedaço que se divisa ao longe, há um local para tratamento dos resíduos que não devem ser postos no resto da área, para evitar contaminação de qualquer tipo.

Dessa forma, Presidente, é que acho que os dois países têm que colaborar. E colaborar nos termos que diz Vossa Excelência. O Brasil não quer da Bolívia o gás. O Brasil quer o progresso da Bolívia, quer que a Bolívia cresça, quer que a Bolívia participe das transformações que os investimentos que acaso possamos fazer na Bolívia propiciem que a Bolívia tenha mais termelétricas que produzam energia para a Bolívia e para o Brasil, quer, sim, que, no futuro, sendo possível, haja uma petroquímica aqui, quer, sim, que haja um intercâmbio crescente entre o Brasil e a Bolívia, em todas as áreas.

E quero dizer, Presidente, que consultei as áreas técnicas do Brasil e não existem restrições aduaneiras, nem de alfândega no que diz respeito aos têxteis. O mercado brasileiro está aberto aos têxteis. Se problemas há são problemas de câmbio e não de restrição, porque o Brasil não quer tratar a Bolívia de uma maneira assimétrica. Nós queremos dar exemplo – nós, que digo, a Bolívia e o Brasil juntos – de uma cooperação de povos irmãos que têm consciência social, que têm uma visão político-estratégica e que sabem que só na união entre nós é que pode haver um progresso realmente bem repartido entre todos nós.

Presidente, permita-me finalizar reiterando, se me permite a expressão, meu amor pela Bolívia. A verdade é que qualquer brasileiro que tenha tido a possibilidade de ver o modo como os bolivianos trataram o Presidente do Brasil, de sentir que isso não era uma questão pessoal ao Presidente, que era um sentimento de amizade para com o Brasil, não pode ter outra palavra senão a de agradecer esse sentimento de irmandade e de amor.

Presidente Banzer, os nossos esforços – os seus foram mais antigos do que os meus – os nossos esforços e de muitos que estamos aqui, frutificaram. San Alberto é um monumento à perseverança, à integração, à boa-vontade e à amizade entre os nossos dois países.

Muito obrigado.